

## Uma senha para o hábito de ler

Em 1943, por ocasião dos 25 anos de publicação do livro *Urupês*, de Monteiro Lobato (1882-1948), o escritor Oswald de Andrade (1890 – 1954) escreve uma carta preciosa a seu velho desafeto. Referindo-se ao ano de 1918, quando os paulistanos paravam para ver e ouvir “o ruído dos primeiros aviões, voando muito alto, no azul, com medo de esbarrar nas casas de dois andares”, Oswald reconhece que o livro de Lobato é de fato o verdadeiro Marco Zero das “transformações tumultuosas, mas definitivas, que vieram se desdobrando desde a Semana de Arte de 22” (...), “anterior ao Pau-Brasil e à obra de Gilberto Freyre”.

A carta de Oswald antecipa com sensível lucidez as razões da longevidade da obra lobatiana: “Você foi o Gandhi do modernismo. Jejuou e produziu, quem sabe, nesses e noutros setores a mais eficaz resistência passiva”. Ao compartilhar com o autor do Sítio do Picapau Amarelo o quanto é difícil fazer literatura, tendo apenas “a rua dura para trilhar, a mesa sem dossiês para escrever e a missão dolorosa e sobranceira de dizer o que pensamos”, Oswald sentenciou “Você sentiu-se cansado e refugiou-se numa calçada, rodeado de crianças. E começou a contar histórias”.

Pois bem, 65 anos depois dessa carta de Oswald, a obra de Monteiro Lobato aparece no topo da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, que diagnostica e mede o comportamento do leitor brasileiro a partir de cinco anos de idade. Lançada em Brasília, no último dia 28 de maio de 2008, pelo Instituto Pró-Livro, essa pesquisa revela que, depois da Bíblia, a obra mais importante na vida dos leitores brasileiros é a que está reunida no Sítio da Dona Benta.

O esforço de Lobato para criar uma cultura do livro, associada à qualidade, originalidade e a honestidade na sua relação com a infância, sobreviveu a muitas adversidades porque faz parte do imaginário de brasilidade. Não é à-toa que, em resposta espontânea e com única opção, ele aparece em primeiro lugar como o escritor brasileiro mais admirado pelos leitores do Brasil.

As repostas dos 5.012 leitores, com mais de cinco anos de idade, residentes em 311 municípios brasileiros, evidenciam que a leitura no Brasil está dividida em leitores de literatura brasileira, de *best-sellers* e clássicos e de publicações espiritualistas nacionais e estrangeiras. Dos 30 livros considerados mais importantes, 12 estão no primeiro grupo, 12, no segundo e 6 no terceiro. Somando tudo, a pesquisa mostra que o brasileiro lê cerca de 4,7 livros ao ano. Convém ressaltar que nos casos dos livros de caráter essencialmente culturais e históricos e dos clássicos incluem-se os didáticos e as indicações para vestibulares. Aos demais, se adiciona uma enxurrada de livros evangélicos, pentecostais e espíritas.

O hábito de se descobrir nas histórias e mundos dos livros é uma manifestação de agrado pessoal que resulta de uma série de circunstâncias educacionais, culturais, políticas e religiosas. Os livros, os jornais e os blogs são suportes de falas com as quais nos identificamos, com as quais nos achamos, nos perdemos, enfim, com as quais procuramos dar sentido ao que somos. Em *Retratos da Leitura no Brasil* as preferências dos leitores apontam 52% para revistas, 50% para livros, 48% para jornais e 20% para textos na Internet.

No evento de lançamento da pesquisa, o secretário-executivo do Ministério da Cultura, Juca Ferreira, destacou que esse trabalho reflete o impacto do bom momento do crescimento da economia, associado à redução da desigualdade social, e seus efeitos na subjetividade dos brasileiros, citando como exemplo, o aumento da disposição dos entrevistados de ampliar o conhecimento e a informação pela leitura. “O Brasil está no caminho certo no que se refere à sua transformação em sociedade leitora. E que caminho é esse? É o da construção de um grande pacto nacional pelo livro e pela leitura, envolvendo muitos ministérios, governos estaduais e municipais e principalmente de mobilização da sociedade”.

A professora Antonieta Cunha, que é presidente da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, em suas considerações sobre a pesquisa, chama a atenção para a necessidade de maior articulação na cadeia da leitura, que vai dos autores aos leitores, passando por ilustradores, editoras, divulgadores, livrarias, mediadores de leitura, pesquisadores, gestores e encarregados da definição das políticas de leitura para o País. “Há uma enorme fatia da população que não conhece os materiais de leitura, ou conhece muito mal (...) mesmo tendo-os por perto, falta a descoberta, a volta da chave que faz a súbita ligação e torna o sujeito capturado para a leitura”. Antonieta fala da senha que leva a descoberta.

A leitura é um ato de sociabilidade. Precisamos aprender a ler o quanto antes tudo o que informa, encanta e inspira. É por meio da literatura que muitas vezes nos damos conta das sutilezas das nossas características mais humanas. Para isso, tão fundamental quanto o trabalho conjunto dos órgãos públicos de educação e cultura é a ação pedagógica das escolas que estimulam as práticas familiares de leitura.

O Colégio Santa Isabel, de Fortaleza, está desenvolvendo um projeto com base no meu livro/cd Flor de Maravilha (Cortez Editora), que alcança a dimensão plena do educar para a leitura. Idealizado pela educadora Raquel David, esse trabalho envolve uma sensibilização que começa com a música, passa pelos brinquedos referidos nas histórias e, só então, a criança experimenta vivenciar a literatura. Para isso, a escola criou o que eles chamam de “Baú do Flor de Maravilha”, que a criança leva para casa e compartilha com familiares e amigos a alegria das descobertas que ele possibilita.

O baú de literatura, brinquedo e música motiva à criança a falar do que está fazendo na escola e motiva também os seus cuidadores a reagirem com o lúdico que cada adulto guarda dentro de si. A farra é tão boa que atrai ainda primos, vizinhos e amigos. Os pais, as tias e os avós participam e muitos fazem os mais variados registros para contar às educadoras do impacto que o baú tem gerado na relação das crianças com eles e com a leitura. O resultado não poderia ser diferente: crianças empolgadas com a leitura e encantadas com a experiência de poderem pegar nas histórias, brincar com elas e se sentir parte dos seus conteúdos.

Ao ler alguns dos relatos criativos e afetuosos, construídos pelas crianças do Santa Isabel, no aconchego da participação direta dos seus familiares, fiquei emocionado. Essas coisas reforçam o meu otimismo com relação ao futuro da educação e da cultura. Lembram-me dos ensinamentos do querido pensador e educador Rubem Alves, que só considera completa a missão da educação quando ela consegue despertar o prazer de ler.

O coordenador da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, Galeno Amorim, destaca esse papel extraordinariamente poderoso da escola no desenvolvimento de leitura. Mas realça também a importância que, a partir dos dados de comportamento dos leitores, seus gostos e preferências de leitura, faz-se necessário “escolher caminhos, articular alianças e engendrar, com muita propriedade, as estratégias para a formação de leitores no Brasil e a ampliação da leitura”. Essa é uma missão coletiva de pais, mães, educadores e gestores do setor público e privado.